

Obra criada a partir do Projeto
“Lix’Arte – Pequenos Pedacos”
apoiado por Academia Electrão:
1º Prémio da 1ª Edição da Academia Electrão
Categoria Arte

Título
Onda de Mudança

Texto
Mafalda Norte

Aquarelas
Mafalda Norte

Ilustrações em técnica mista
Crianças da Sala 7 do Centro Social
Paroquial da Vera Cruz

Paginação & execução gráfica
Officina Digital – Impressão e Artes Gráficas
Aveiro | tlf.: 234 308 697 | oficinadigital.pt

Data da Edição
Dezembro 2019

Depósito Legal
463960/19

Nomes das Crianças
Participantes

Alexandra Santos
Ana Inês Marta
Andra Pusnei
António Gonçalo Silva
Carlota Miguel Vieira
Clara Antunes
Cláudia Laureano
Dinis Protoski
Enzo da Costa
Eva Larraz
Feliks Pozniak
Francisca Gonçalves
Francisco Beja
João Nuno Guerra

João Pedro Carvalho
Madalena Abreu
Maria Eduarda
Cachim
Maria Miguel Vieira
Maria Tomé Lucas
Mariana Suarez
Matias Condesso
Nika Biloushchenko
Salvador Martins
Xavier Barbosa

Adultos Participantes

Mafalda Norte
Clotilde Ramos
Paula Rodrigues

Onda
de Mudança



Maria é uma menina curiosa e aventureira de olhos grandes e azuis. São tão azuis que lembram o mar e talvez por essa razão, todos a chamam de Maria do Mar.

A Maria vive junto de uma laguna com ligação ao mar. Há água por toda a parte. Ela gosta de passear e aprender mais sobre os animais e plantas da zona.

Certo dia, enquanto passeia junto à marinha do sal, a menina avista um Perna-longa em apuros.

O perna-longa é uma ave aquática com longas pernas e de bico comprido, fino e reto, que gosta de zonas com água baixas, tais como rias, arrozais, lagos e lagunas.

O animal agita-se freneticamente enquanto tenta, sem sucesso, livrar-se do saco plástico de supermercado que se enrolou no seu longo bico.



Sem hesitar, a Maria corre em auxílio da ave e ajuda-a a soltar o saco.

-Estás livre! – diz a menina assim que retira o saco que sufoca o Perna-longa.

– Obrigado! – respira fundo o Perna-longa – Estava a petiscar algas e nem dei conta do saco que estava na água...

– De nada! Mas, o que faz o saco aqui?

– Oh, existem muitos iguais a esse por cá! –
Esclarece a ave.

– Mas como veio aqui parar? – quer saber mais a menina.

– Alguém o deitou fora ou esqueceu-se dele... Ou talvez tenha sido o vento que o trouxe até aqui. – explica o Perna-longa – Se calhar, até veio de um lugar muito distante.

E a menina pergunta, curiosa:

– A sério? Como é possível?

– O saco é leve e resistente, pode viajar muitos quilómetros ao sabor do vento. Talvez acabe por ir parar ao oceano – explica a ave.



– Porque dizes isso?

– Porque já vi! – exclama o Perna-longa – As pessoas inventaram um saco que dura muito, muito tempo e depois de o usarem, às vezes uma única vez, livram-se dele. Os sacos ficam por aí, abandonados à sua sorte. Muitos deles acumulam-se nos mares e oceanos. Os animais que aí vivem acabam por magoar-se, e muitos até morrem, porque confundem os sacos plásticos com comida.

Na sua maioria, os sacos plásticos são usados apenas uma vez e depois descartados. Um saco plástico comum do supermercado, que não é reciclado e que é posto no lixo, leva entre dezenas a centenas de anos para se decompor pela ação da natureza.



– Não estou a perceber... – interroga a criança – Podes explicar-me melhor?

– Melhor do que explicar, vou mostrar-te! Vem comigo! – então, o Perna-longa levanta voo e indica o caminho.

Maria do Mar esforça-se por acompanhar o voo da ave e corre por entre os talhos e palheiros das marinhas. Num ápice, chegam a uma das margens da ria. De repente, o Perna-longa pousa numa estaca. Ainda ofagante, Maria olha à sua volta e vê que há lixo espalhado no areal da praia e que este se estende pelas margens da ria.

Palheiro: Casa rudimentar construída em madeira e coberta de bajunça, de chão térreo juncado com ervas ceifadas na salina, onde se guardam as alfaias. Serve, também, de abrigo para o pessoal quando faz mau tempo. Por vezes, ostenta, por cima da porta, o nome da marinha.

Talhos: Reservatórios de forma retangular, com uma altura de água aproximada de 6 cm.

Havia um pouco de tudo. Pedacos de madeira, garrafas de vidro, embalagens e vários objetos de plástico. Maria olha com atenção e recolhe em poucos segundos, uma tampa de uma garrafa, uma palhinha, um pau de um cotonete e uma pequena colher... tudo em plástico. Apanha também pequenos pedacos de plástico que não identifica a origem.

– Deixa-me ver o que tens aí. – diz o Perna-longa – Olha, muitas destas coisas são despejadas na sanita, como os cotonetes, por exemplo. Outras voam com o vento ou são esquecidas no areal... E estes pequenos pedacos? Vês? Há uma parte do plástico despejado no mar que volta em pedacinhos pequenos, alguns tão minúsculos que nem te apercebes que estão por aí.

O saco plástico é feito de polímero – composto químico utilizado em vários setores da indústria e presente em diversos produtos. Se o material ficar exposto às ações do meio ambiente, como a radiação solar e/ou a ação da água, vai-se degradar em partículas menores, passíveis de serem ingeridas por micro-organismos.

– Como assim? – interroga a criança.
– É muito simples! – explica a astuta ave – Tomemos, por exemplo, o nosso saco de plástico. Observa como está rasgado e desfeito em algumas zonas. Na viagem que fez até aqui foi-se rasgando pela ação do vento, do sol e até da água. Eu também o despedacei um pouco mais, enquanto tentava libertar-me dele. Se continuasse à solta por aí, iria desfazer-se em pedaços tão pequenos que só os poderíamos ver sob a lente de um microscópio.

Entretanto uma gaivota curiosa aproxima-se.

– Já experimentaram cheirar um pedaço de plástico que encontram na água da ria ou do mar? – questiona a gaivota, aproximando-se ainda mais dos dois amigos.

Maria do Mar, boquiaberta, não percebe a pergunta. E a gaivota continua a falar:

– Ele cheira a peixe! Por isso é que muitos animais que gostam de peixe o comem!



O plástico despejado nos mares e oceanos é rapidamente colonizado por uma fina camada de micróbios, normalmente chamada de “plastisfério”. Essa viscosa camada de vida liberta substâncias químicas que fazem o plástico ter o mesmo cheiro e gosto que o alimento para os animais marinhos.

– Eu até agradeço que deixem lixo espalhado por aqui... Assim não tenho que pescar! – continua a falar a Gaivota tagarela, mas é interrompida pelo Choco que vagueia no lodo da ria, junto à margem.

– Uma coisa é certa, onde há lixo, há gaivotas! Tu és a única feliz por haver lixo por aqui! – diz, com desdém, o pequeno invertebrado – Ouve lá, o simples facto de teres a barriga cheio de lixo, não quer dizer que não morras à fome! O lixo não te alimenta, sabes? Tu comes o lixo porque queres, mas há muitos animais que confundem o plástico com comida e acabam por ingeri-los acidentalmente. – concluí o pequeno animal.



Ao não deixarmos resíduos na praia estamos a diminuir a quantidade de alimento disponível para as gaivotas e outros animais como os ratos, contribuindo para a manutenção do equilíbrio ecológico e para uma maior salubridade da praia.

A gaivota observa o choco com interesse... Ela não é esquisita e não lhe parece má ideia fazer um lanchinho à base de choco. O pequeno animal pressente perigo e, assustado, desaparece, deixando para trás um rasto de tinta preta na água. A Gaivota abandona o local, aborrecida.

O Perna-longa e a Maria do Mar sobem para uma pequena embarcação que está atracada junto à margem da ria. Maria do Mar aprendeu a manejar pequenos barcos a motor com o seu avô, que é pescador na ria. Percorrem os canais e chegam finalmente ao mar.

Maria do Mar sente-se fascinada pela imensidão do mar... Mas o seu amigo Perna-longa confessa-se intimidado pela quantidade de água e pela bravura das ondas. Ele está mais habituado às águas baixas e calmas das marinhas e lagunas. Estavam nesta conversa quando, de repente, são interrompidos por uma pequena sardinha, curiosa por ver um perna-longa e uma menina juntos e tão longe de casa.

– Olá, o que fazem aqui? O mar é muito grande para vocês os dois!




Quando se lança uma garrafa ou um saco de plástico, uma embalagem, restos de redes e lixo variado, etc. pensa-se que o mar é tão grande que destrói tudo. Não é bem assim. Existe uma ilha composta por plástico no Oceano Pacífico com 16 vezes o tamanho de Portugal.

Em poucas palavras, Maria e o Perna-longa contam como chegaram até ali e o que descobriram sobre o saco de plástico. A sardinha lembrou-se que, certa vez, tinha visto um filhote de albatroz. Estava muito doente, porque seus pais o alimentaram com pedaços de um saco plástico. Acaba por dizer que não sabe se a cria sobrevivera ou não. De imediato, os olhos de Maria do Mar enchem-se de lágrimas. Lágrimas tão salgadas como o mar e a ria.



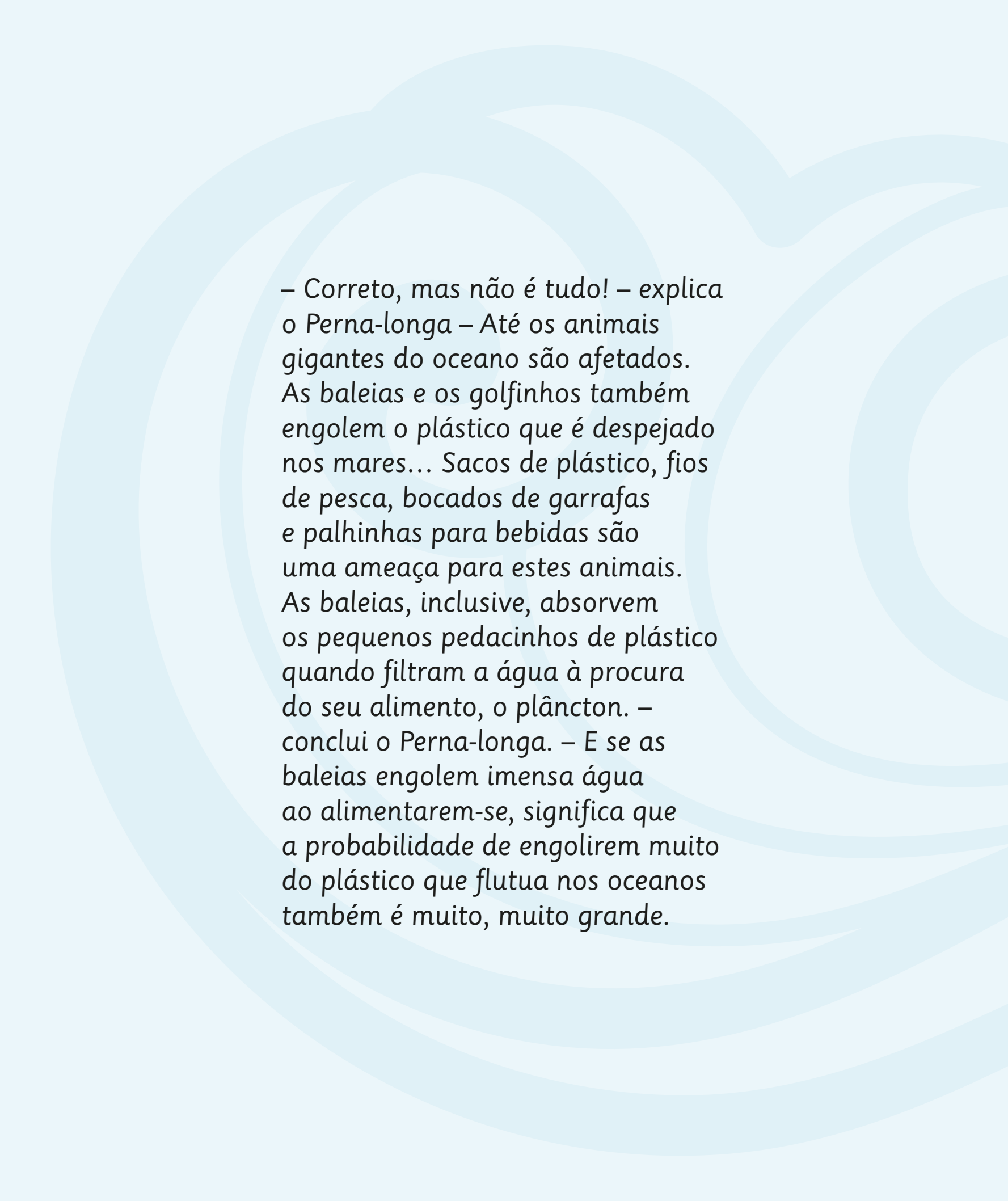


A sardinha também está triste e explica que até as tartarugas, um réptil forte e robusto, sofrem muito com este problema. Disse ainda que as tartarugas confundem os sacos plásticos que vagueiam pelo oceano com o seu alimento preferido – as medusas.



Quando os animais marinhos (uma tartaruga, por exemplo) tentam comer um pedaço de plástico pensando que é comida, morrem asfixiadas porque não conseguem nem engolir nem deitar fora.

– Então, o saco plástico para além de sujar as margens costeiras, também pode magoar os animais que se entrelaçam nele, tal como aconteceu contigo. Mas também o podem confundir com comida e acabam por ficar doentes ou até morrer! – conclui Maria do Mar, ainda com o saco de plástico preso na mão.



– Correto, mas não é tudo! – explica o Perna-longa – Até os animais gigantes do oceano são afetados. As baleias e os golfinhos também engolem o plástico que é despejado nos mares... Sacos de plástico, fios de pesca, bocados de garrafas e palhinhas para bebidas são uma ameaça para estes animais. As baleias, inclusive, absorvem os pequenos pedacinhos de plástico quando filtram a água à procura do seu alimento, o plâncton. – conclui o Perna-longa. – E se as baleias engolem imensa água ao alimentarem-se, significa que a probabilidade de engolirem muito do plástico que flutua nos oceanos também é muito, muito grande.



– Sim, e não é o único animal a fazê-lo dessa forma! – explica a pequena sardinha
– Esses pequenos pedacinhos de plástico... são tão minúsculos que podem ser facilmente ingeridos pelos animais marinhos e acumular-se no seu sistema digestivo ou até passarem para outros órgãos.

A luz solar, o vento, as ondas e o calor decompõem os plásticos em pedaços tão pequenos, os chamados “microplásticos” que o plâncton, os bivalves, os peixes e, até, as baleias acham muito parecidos com alimento.

– Pois... e o resto da história já é conhecida. É tudo uma questão de tempo... Todos acabamos por comer o plástico. Até as pessoas! No final vão acabar por comer o plástico que se acumula nos peixes. E não é só no peixe que encontras plástico, mas também nos moluscos, nos camarões e até no sal das marinhas. – diz a sardinha.



Os seres humanos comem plástico através da cadeia alimentar. A forma como isso afeta a sua saúde é ainda desconhecida. Ou seja, apesar de parecer que não, a poluição afeta-nos a todos. Apesar de não bebermos a água do mar, tomamos banho nela e alimentamo-nos de peixes, bivalves e cefalópodes, que podem estar contaminados. Em pouco tempo as doenças passam também para nós!

Maria do Mar aperta com força o saco de plástico na mão. A sardinha despede-se dos dois amigos e regressa ao seu cardume. Devagar, a pequena embarcação alcança a praia e Maria coloca os pés na areia. O Perna-longa pousa agora no seu ombro.

A criança está tão distraída com os seus pensamentos, que nem dá conta que um pequeno caranguejo se aproxima.

– Ai! – exclama ao sentir uma ligeira mordidela na ponta do dedo grande do pé.

– Olá e desculpa! Queria só que olhasses para mim. – cumprimenta o crustáceo.

– Olá, estou a ver-te! Mas sabes que isso doeu um bocadinho?

– Sim, as minhas pinças são poderosas... Uso-as para romper e triturar a minha comida e para me defender dos predadores. E tu, o que fazes por aqui? Perdeste-te dos teus amigos?

- Quais amigos? – questiona Maria.
- Daqueles meninos e meninas que passaram o dia a limpar o lixo da praia... Chegaram bem cedo e já recolheram todos aqueles sacos. – explica o caranguejo da areia, enquanto aponta para o grupo de crianças que deambula pela praia e para os sacos do lixo reunido junto ao molhe.



Atualmente existem mais de 4500 espécies de caranguejos que podem ser encontrados em todos os oceanos do nosso planeta. Eles podem habitar também em regiões de água doce, existindo ainda alguns caranguejos que vivem em terra. A maioria dos caranguejos vive nas zonas de menor profundidade dos oceanos, principalmente em regiões rochosas ou próximos de recifes de corais.



- Oh! Viva, estão a limpar a praia! É esta a solução? Retirar todos os plásticos das praias, mares e oceanos? – questiona Maria do Mar, esperançosa.
- Infelizmente, a solução para o problema de poluição de plásticos não é só limpar o oceano. – explica o Perna-longa – Passa, antes de tudo, por impedir que o plástico lá chegue.
- Agora é que não estou mesmo a perceber! – exclama a criança – Então, não vale a pena limpar?
- Vale sempre a pena limpar! – explica a ave – Mas se não impedires que o plástico acabe no oceano, na ria ou até nas marinhas vais ter sempre o mesmo problema.



- E cada um de nós pode fazer a sua parte para ajudar! – diz o caranguejo – Melhor do que os adultos, vocês, as crianças, compreendem que estão a herdar um planeta em perigo.
- São as pequenas mudanças de hábitos que vão fazer a diferença! – continua o Perna-longa – Vê o exemplo do nosso saco de plástico do supermercado. Deves evitar comprar sacos de plásticos descartáveis. Usa sempre um saco de compras reutilizável... De papel, de tecido ou então de um plástico resistente e durável.
- E também nunca atires qualquer tipo de lixo para o chão, quer seja plástico ou não! – diz o caranguejo – O que atiras para o chão é levado para os rios pelo vento ou a chuva e...
- E vai acabar nos mares e oceanos! – interrompe a Maria do Mar – Eu já sei!

– Depois, sempre que precisares deitar fora plásticos e embalagens, vidros, metal, papel ou pilhas certifica-te que os colocas nos Ecopontos apropriados para serem devidamente reciclados. – explica o Perna-longa.

– O nosso Planeta Terra chegou a um ponto em que as pessoas criaram tanto desperdício que a natureza já chegou a incorporá-lo no seu ciclo de vida. – diz, desapontado o caranguejo – O meu primo, o caranguejo-ermita já utiliza objetos de plástico como abrigo, vejam lá! Tampas de canetas e tampas de pasta de dentes são os seus resíduos preferidos. Mas não é o único. Até os cavalos-marinhos já se agarram a cotonetes, em vez de algas e plantas. O lixo está a tomar conta das nossas águas... – suspira.





– Temos de criar uma onda de mudança! É urgente passar a mensagem junto de todas as crianças e adotar todas as mudanças que o próprio Planeta necessita... É claro como água! Já sei o que é preciso fazer! – afirma, assertiva, a menina.

Maria do Mar e o Perna-longa despediram-se do seu amigo caranguejo, da praia e do mar. O Perna-longa voltou para as marinhas do sal e a Maria do Mar voltou para casa.

No dia seguinte, na escola, a menina relatou a sua aventura aos colegas e à professora, explicando de que forma todos podem contribuir para uma mudança. A Professora escreveu num papel todos os pequenos gestos e atitudes que contribuem para a onda de mudança.

A partir desse dia, o testemunho da Maria do Mar está ao dispor de todos os que querem fazer a diferença! E tu já o leste! Queres fazer parte da Onda de Mudança?





Pequenos Gestos,
Grandes Mudanças

Vamos
criar uma **O**nda
de Mudança?

Vê nas páginas seguintes o que podes fazer



Evita comprar objetos de plástico descartável. Em vez disso usa objetos reutilizáveis, tais como garrafas de vidro, de plástico reutilizável ou um cantil de metal. Leva sempre o teu saco de compras reutilizável para o supermercado e usa louça e talheres duráveis nas festas de aniversário e piqueniques.

Evita comprar alimentos ou produtos excessivamente embalados. Prefere comprar alimentos vendidos a granel (a peso) e vez daqueles já embalados.



Evita comprar pastas dos dentes branqueadoras, cremes esfoliantes, cremes de limpeza pessoal ou detergentes com microplásticos. Em vez disso procura usar produtos de origem natural. Para saberes se os produtos têm microplásticos procura nos ingredientes a presença de: polietileno (PE), polietileno glycol (PEG), polipropileno (PP), polietileno tereftalato (PET) ou nylon.



Evita largar balões para o ambiente – tudo o que sobe, também desce. Os balões no mar provocam muitas mortes de animais marinhos.

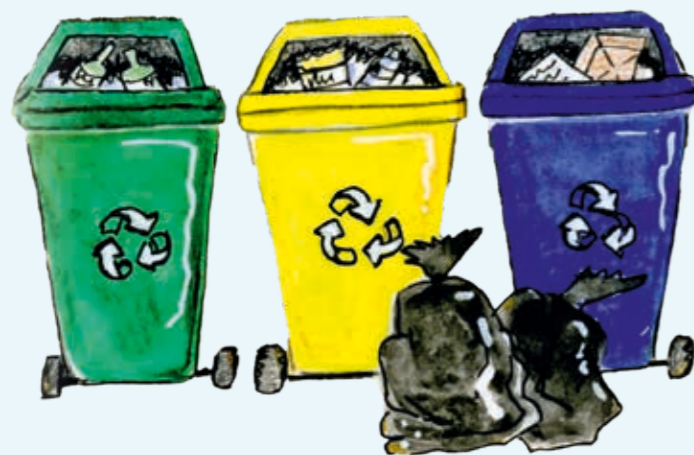
Prefere produtos de limpeza doméstica com possibilidade de uso de recargas.



Nunca deites lixo como cotonetes, frascos de soro e toalhas na sanita. Uma parte significativa destes materiais não é filtrado pelas Estações de Tratamento e acaba no mar.

Quando fores à praia leva um saco plástico para colocares o teu lixo e aproveita para apanhar mais alguns plásticos que encontres. Não te esqueças de, no fim, depositar o lixo nos contentores apropriados e de lavares as mãos.





Sempre que precisares de deitar fora plásticos e embalagens, vidros, metal, papel ou pilhas certifica-te que os depositas nos Ecopontos apropriados para serem devidamente reciclados.

Apoia e participa em campanhas de limpeza de praias. Podes ser um voluntário ajudando a recolher o lixo da tua praia. Podes também organizar uma ação de limpeza na escola ou com o grupo de amigos.



Quando vires alguém a deitar lixo no chão, na praia ou na sanita, tenta informá-lo de uma forma positiva. Só com o envolvimento de toda a sociedade numa mudança de atitudes podemos proteger o nosso Planeta.





Para os Pais e Educadores

“Se realmente queremos deixar um mundo melhor para as gerações futuras, a melhor coisa a fazer é formar nas nossas crianças uma consciência ecológica desde cedo. Objetivo: Motivar a Mudança. O nosso planeta agradece.”

Para a Criança

“O que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor.”

Madre Teresa de Calcutá





